

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

XXVII Simpósio Nacional de História  
Natal – RN – 22 a 26 julho de 2013

**Comunicação, Memória, História e Ficção: síntese crítica da ditadura no romance K.**

ALICE MITIKA KOSHIYAMA\*

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

2

\* Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) – Professor Associado. Leciona em Graduação (Curso de Jornalismo) e no PPGCOM (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação)

## 1. K.: Memória, História e Ficção

Bernardo Kucinski diz: "Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu"

Houve um cuidado em apresentar o livro para o público, como algo importante não apenas para intelectuais e acadêmicos docentes e pesquisadores.

O lançamento do romance, ou livro de contos como o denomina o autor de K. , teve um clima de rememoração e atraiu amigos, conhecidos intelectuais, jornalistas, escritores, professores além de pessoas que leram outros trabalhos dele A reunião uniu pessoas que acreditam na importância de lembrar fatos passados de nossas vidas sob a ditadura implantada em 1964 no Brasil. O registro da sessão de autógrafos está na internet.. ([http://www.youtube.com/watch?v=8\\_-3Yz\\_yDuk](http://www.youtube.com/watch?v=8_-3Yz_yDuk)). Não há falas só um belo fundo musical.

O livro de B Kucinski (2011) está catalogado como Literatura brasileira-Romance e como Romance brasileiro, pertence formalmente à literatura de ficção.

1.1 Quem é K.? Ele é um pai na busca dolorosa pela filha e pelo seu genro, desaparecidos sem deixar rastros. Não havia nenhuma explicação oficial. E o velho vai aos poucos percebendo a presença da máquina de moer corpos e existências da ditadura.

Os desaparecidos existiram. Ana Rosa Kucinski, professora da Faculdade de Química da USP, era casada com o dirigente da Ação Libertadora Nacional (ALN) Wilson Silva – e ambos estão sumidos desde 22 de abril de 1974. Ao admitir a perenidade da dor e da culpa que carrega por não ter conseguido até hoje descobrir o que foi feito do casal, Bernardo Kucinski, irmão e cunhado dos desaparecidos, assim define o gesto de remeter a história a K., seu primeiro livro de contos: “Estava tudo aqui dentro e eu tinha de descarregar”.

1.2 - K. = K.+ B.K. Nesta obra, o autor elabora fragmentos da sua realidade a arranjos imaginários. Mistura sensações de angústia e a persistência do pai na busca da filha com seus próprios passos em direção a esse abismo sem fim.

Se nem sempre saberá exatamente quando está diante de um fragmento real ou ficcional, o leitor se sentirá o tempo todo diante de um contundente e humano apanhado histórico literário sobre um período tenebroso da história do país: Em depoimento a jornalistas (2011) declarou:

3

*“É autobiográfico, mas não é. Tem muita coisa factual, e muita coisa inventada. Foi uma parede que eu montei ao meu gosto, mas os tijolinhos são todos factuais, entende? A parede toda é como se fosse uma metáfora. Coloquei tudo no personagem do meu pai<sup>1</sup>, mas, na verdade, metade daquilo fui eu quem vivi” (KUCINSKI, 2011)*

O autor observa sua falta de informação sobre a vida de sua própria irmã, pessoa muito reservada, a ponto de não contar para a família que havia se casado com o namorado. Sobre ele, Bernardo tinha mais dados::

*O Wilson era da ALN. E Ana? É uma coisa que eu nunca vou saber. Ela era militante, mas eu nunca vou saber se era por solidariedade ao companheiro, se ele tentava compartimentar, protegê-la, ou ao contrário, estimulava. Como isso se deu, eu nunca vou saber. O Wilson era da cúpula, vinha depois do Joaquim Câmara, talvez tivesse mais um e depois ele. Era um sujeito extremamente discreto. Eles tinham uma vida legal normal. Ela trabalhava na USP, ele numa empresa, não davam bandeira, ninguém sabia o codinome dele. (KUCINSKI, 2011);*

1.3 - A procura dos desaparecidos. O autor, em entrevista (2011) destaca o trabalho incansável do então arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, de quem seu pai, ateu se aproximou:

*Hoje eu sei, pelo livro da Maria Victoria Benevides (Fé na Luta), que ele fez muito mais do que eu imaginava. Ele realmente foi um sujeito que comprou essa briga grande. Ele cobrou do Golbery, ficou bravo várias vezes. Mas não adiantava. Inclusive a Maria Victoria disse que meu pai ficou amigo dele.*

*(...)*

*Meu pai era assim e eu herdei isso dele, o meu anticlericalismo vem dele. Então tem esse aspecto paradoxal: no fim, a Igreja católica foi a única que realmente se mexeu, de não fazer só por fazer. Eles fizeram tudo o que puderam “ (2011)*

1.4. Comissão da Verdade do sistema. Kucinski quer esclarecer o que houve. Mas não credita à Comissão da Verdade a força para mudar os procedimentos a ponto de punir os que mataram e

---

<sup>1</sup> Meir Kucinski, pai de Bernardo e Ana Rosa, foi um escritor e poeta que ministrou aulas de ídiche no Colégio Renascença e exercia ao comércio como atividade profissional. Teve sua obra editada em língua portuguesa com organização e seleção de Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz, como resultado do trabalho de alunos do Curso de Hebraico da USP. O livro foi publicado em 2002 sob o título de *Imigrantes, Mascates & Doutores*, com prefácio da professora Berezin em que elabora uma síntese da literatura ídiche no Brasil e da biografia do ator (p. 20-29). Segundo Bernardo., seu pai nasceu em Wloclavek (Polônia), pertencente ao império russo, em 1904, participou dos círculos idischistas laicos do *Linke Poalei Tzion\**. Ao emigrar ao Brasil em 1935, e logo integrou-se no *milieu* dos escritores, ensaistas, e periodistas idischistas. ([http://kucinski.com.br/visualiza\\_noticia.php?id\\_noticia=390](http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=390))

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

4

fizeram desaparecer os corpos. É pessimista declara em entrevista: sua desesperança em relação à penalização dos torturadores:

*“eles vão esperar todos esses caras morrerem, e talvez até os filhos, para depois mexerem. O sistema se metamorfoseou, os que eram da ditadura viraram democratas, mas muito deles são as mesmas pessoas. O Sarney (José Sarney, presidente do Senado) é o símbolo disso. É um problema, porque fica um espinho.” (KUCINSKI, 2011)*

## 2. Ilustrações

Enio Squeff, artista plástico talentoso e sensível, é o ilustrador dos textos do livro.

Cada capítulo é precedido de uma figura que dialoga com o conteúdo do texto.

A expressiva capa reforça a mensagem do livro pela sensação de estranhamento e interrogação.:



### 3. Ficção e divulgação da história

Luciano Figueiredo (2010) fala do trabalho de jornalistas como divulgadores de pesquisa sobre o passado, na condição de autores de livros, e enquanto autores de resenhas sobre obras com temáticas históricas.

Nesta obra temos mais uma possibilidade de ação dos intelectuais. Pela ficção Kucinski expõe a história do Brasil da ditadura, de um modo diverso do jornalismo. Este trabalho é também diferente da divulgação científica, na definição de Luciano Figueiredo da Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN), compreendida como “a apresentação de conhecimento acadêmico, acompanhada por especialistas da área, sob novas formas e suportes para um público ampliado” (FIGUEIREDO, 2010).

Observamos que o jornalismo científico sobre pesquisa histórica exige conhecimento de ciências humanas e o domínio da comunicação jornalística para que se construa a mediação entre especialistas e os leitores.

O romance K. é um texto de divulgação da memória da ditadura e documento para um estudo científico da história:

Mas para integrar o texto de ficção no rol de documentos para pesquisa e divulgação da história é preciso examinar a relação entre cultura científica, arte e ciência. Ao construir a metáfora da espiral da cultura científica Carlos Vogt reuniu a atração pelo conhecimento de C&T e, ao mesmo tempo, pela beleza poética da literatura, poesia etc.

É uma relação que envolve conhecimentos de diferentes formas, metodologias.

Destaca que a nossa permanente procura os remete à limitação da capacidade de formularmos o conhecimento, mas também expõe a falta de limite no que tange às condições de atividades críticas que nos movem para novas revelações.

Lembra a visceral relação entre literatura e ciência, cujos pontos comuns e de diferenças estão na linguagem e nas formas de comunicação. (VOGT, 2012)

6

Diferenças -- como destaca Carlos Tiburcio, sobrevivente da ditadura e amigo de Kucinski, em sua leitura de K. -- estão na conjugação: fatos + invenção: "Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu", é assim que começa essa obra. E pondera:

“Talvez K. venha a ser reconhecido como um dos romances de maior poder de imersão psíquica do leitor no clima de opressão, insegurança e horror que prevaleceu durante a ditadura em nosso país.” (TIBURCIO,2011).[destaque meu]

#### **4. Ficção e comunicação da história**

Quem não viveu a história do Brasil recente, pode pensar que o livro é fruto da criação artística porque o autor propõe um romance, um gênero de escrita comprometido com a verossimilhança, mas não necessariamente com a verdade. Na ética do historiador e do jornalista a verdade é um valor essencial.

Competente jornalista e historiador, Kucinski soube escrever um texto que o livrará de constrangimentos e cobranças de pessoas sobreviventes e interessadas em fixar uma história.. Em depoimento para obras de jornalismo ou de história, personagens talvez tentassem impor suas versões do passado recente ou, simplesmente quisessem negar o que aconteceu. A ficção deixa o autor livre para o registro das transformações que aconteceram em uma sociedade oprimida em seus valores, sentimentos e percepções, sociedade com seres mutilados em suas capacidades de viver, dialogar e divergir.

Paradoxalmente, uma obra de ficção é um dos mais reveladores trabalhos sobre a história, no Brasil pós-1964.

Ao oferecer a síntese informativa e a visão ética e política do período revela as impossibilidades nas relações entre as pessoas e as organizações do sistema político e social.

A saga de K., sua angústia, seu isolamento em sua própria comunidade judaica, nos explica porque foi possível anistiar torturadores. Construir os personagens como vítimas indenizáveis e destacá-las do conjunto da sociedade, por terem sido perseguidas, presas, torturadas ou mortas na ditadura, foi uma metamorfose da comunicação política do sistema.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

7

Porque foi possível a perversidade ideológica de isolar o restante da população do país desse processo, como não vítimas da ditadura. Tal como os quadros políticos da ditadura (Sarney e amigos) que se metamorfosearam em militantes anti-ditadura e ficaram.

O romance também registra a internacionalização das ditaduras no mundo e suas conseqüências sobre a vida das pessoas envolvidas em movimentos de oposição. O percurso do pai em busca da filha leva-o para outros países à procura de apoio de organizações como a Anistia Internacional ou a American Jewish Committee.

Ele então descobre que em vários lugares do mundo pessoas estão sendo desaparecidas.. E que ajudar oferece riscos; Jacobo, judeu argentino, que o encontrou nos EUA e ficou de investigar o caso da filha não veio ao Brasil conforme prometera. Soube que ele desapareceu, na Argentina, sem deixar vestígios. (K. , Jacobo, uma aparição, pp.59-64)

Através da história da busca infrutífera do velho K., o autor consegue falar da vida cotidiana dos seres humanos sob a ditadura no Brasil.

Notamos os clandestinos atos solidários, o medo da repressão, a convivência com ações arbitrárias, a hipocrisia no fazer de conta que está tudo normal, a corrupção na venda de informações falsas sobre perseguidos políticos;

Registram-se os dilemas políticos da luta armada em derrotas sucessivas, a execução de companheiros, a amante do torturador Fleury e outros temas espantosos que ao serem confrontados com documentação sobre o período, revelam fatos relatados em obras de memória, história ou reportagem.

#### 4.1. - Por uma memória coletiva

No programa Metrópolis da TV Cultura (2012), Kucinski critica como nós brasileiros lidamos com a memória coletiva e explica a necessidade de ressignificar o conceito de desaparecido político. O esforço das forças hegemônicas é de dar a impressão de que o desaparecimento é o drama individual de uma família, uma questão da vida privada e não um episódio social como no passado foi Canudos.

8

No Continente sul-americano a Operação Condor<sup>2</sup> (SOUZA, 2011) uniu os militares que tentavam transformar os desaparecidos em não pessoas, tiravam-lhes a vida e negavam-se a explicar o que haviam feito. Luis Cláudio Cunha (2011) destaca:

*Duas décadas depois, já no ostracismo, o general Videla foi menos hermético com as palavras que tentavam disfarçar a força bruta, estúpida, assassina. Confessou o general:*

*– “No, no se podia fusilar”. Não havia outra maneira. É o que ensinavam os manuais da repressão na Argélia, no Vietnã. Estávamos todos de acordo. Dar a conhecer onde estão os restos mortais? Mas, o que é que poderíamos apontar? O mar, o rio da Prata, o Riachuelo? Pensamos, em dado momento, informar sobre a lista [de mortos]. Mas, aí, se os damos por mortos, em seguida virão as perguntas que não se podem responder. Quem matou? Onde? Como?*

*O general mostrou que esse é o drama maior das ditaduras: agem e fazem coisas que geram perguntas para as quais não existem respostas, que não permitem explicações, que não resistem a dúvidas, que não admitem palavras. (CUNHA,, 2011)*

Mas na Argentina, a memória coletiva desses atos e a ação dos familiares de desaparecidos e do militantes políticos sobreviventes da época levaram a abertura de processos contra os principais responsáveis e vários deles estão sendo condenados como Videla, que cumpre prisão perpétua desde 2010, responsabilizado por 31 mortes.

A busca desesperada em que se lança o pai, sempre refletida pelo narrador, vai revelando faces contorcidas dos tempos de arbítrio, muitas vezes ausentes da rotina de grande parte da sociedade. O terror da ditadura aparece em toda a sua extensão e profundidade no sadismo e no sofrimento psíquico dos que cruzam os percursos de K.

4.2. - Revelações para a memória e a historia Publicamente Kucinski manifesta sentimentos sofridos e guardados até então, ao refletir sobre a procura infrutífera de sua irmã Ana Kucinski, Destaca o sentimento de permanente angústia na vida de quem perdeu um familiar em

---

<sup>2</sup> Constituída na década de 1970, a Operação Condor possibilitou a repressão aos opositores políticos hostis aos governos militares das ditaduras chilena, argentina, paraguaia, uruguaia, boliviana e brasileira, além das fronteiras nacionais, realizada sob completo desprezo pelas normas de regulamentos internacionais que garantiam proteção a refugiados políticos asilados em países estrangeiros. A análise da literatura baseada no *Arquivo Del Horror*, descoberto no Paraguai em 1992, confirmou as ações dos governos militares baseadas em constantes violações de Direitos Humanos, no tratamento de perseguidos políticos. Ao praticarem o terror de forma sistemática, desarticularam os movimentos de esquerda da região através do extermínio em qualquer ponto do continente. A real participação brasileira na Operação Condor jamais foi admitida oficialmente, porém, utilizando a bibliografia disponível como meios de investigação, revela-se verdadeira. (SOUZA, 2011).

9

circunstâncias desconhecidas. (Silvio Tendler, Utopia e Barbárie <http://www.youtube.com/watch?v=es8M-Cxryq8&feature=related>):

*“Aí você vai descobrindo que não é um processo igual a quando matam o cara e entregam o corpo – o que já é uma tragédia. É uma coisa diferente. Meses e anos depois você fica se culpando. Você não sabe o que aconteceu, que dia foi; se você, naquele dia, tivesse feito algo, não teria acontecido...”*  
(<http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2011/10/contos-de-b.kucinski-sao-metafora-de-si-mesmo-e-dos-espinhos-da-nossa-historia>)

Bernardo Kucinski levou 37 anos curtindo seu sofrimento até chegar a K., um dos livros mais singulares da literatura brasileira (...) observa Lúcio Flávio Pinto (2012).

O que podia ser mero jornalismo, ou “apenas” a pungente indignação de quem perdeu por meio violento a irmã, sem lhe saber sequer o destino final, virou alta literatura. (...) poucos jornalistas conseguem fazer essa passagem, como a fez Bernardo Kucinski.

*O conjuntural, o cotidiano, o apelo dos fatos ainda quentes turva ou impede que se dê a ele o toque de perenidade dos tipos ideais, dos modelos, dos personagens, do enredo – do que é um amálgama de ingredientes que só em literatura gera um produto único. Termina-se de ler K. com um sentimento de revolta diante daquela matriz que serviu de rumo para o percurso próprio de Bernardo em busca do absoluto por trás do absurdo*

Carlos Tiburcio (2012) deseja que o livro possa ajudar a mudar nossas relações com esse passado recente.

*Da leitura avulta a esperança de que a rememoração desse caso (...) contribua para destravar a blindagem que ainda resiste no interior do Estado. E que alguém responda às perguntas que moveram o velho K. (...) Esclarecer como foi interrompida a vida de Ana Rosa e Wilson equivaleria a quebrar o lacre de um sequestro institucional para libertar uma parte da memória coletiva ainda refém da velha truculência autoritária. Seria um divisor de águas.*  
(<http://www.teoriaedebate.org.br/edicoes/2433>)

## 5. Memória e história do Brasil

Em um livro de leitura imprescindível e um hábil trabalho com as palavras, Kucinski reconhece a importância do texto bem feito: “Eu já trabalhava muito a linguagem quando jornalista.”

Ele é um observador do mundo e um participante em todos os momentos significativos da história contemporânea, como jornalista, professor, pesquisador acadêmico e escritor.

Afirma a consciente busca de elaborar a narrativa com os fragmentos da memória: “Não escrevi um livro fatural, é uma fabulação.”

10

Válida como experiência de leitura de literatura de qualidade, enquanto parte da memória do que aconteceu no país, e um indicador de questões para estudos e para alguns é estímulo para lembrar parte de sua própria história de vida.

Pela fabulação temos um panorama de uma sociedade atingida por uma política de estado. E transformar os fragmentos de memórias individuais em memória coletiva é um objetivo para os estudos históricos e para a divulgação científica da história, idéia que elaboramos a partir da concepção de divulgação científica proposta por Carlos Vogt.

Também encontramos no romance K. um documento histórico, um produto da literatura de ficção que permite avaliar o impacto da ditadura no comportamento das pessoas, pondo em relevo o medo, a vergonha, o cinismo, a covardia, o sofrimento e a solidariedade, as opções éticas e os impasses políticos daqueles tempos sombrios.

## 6. Bibliografia

CUNHA, Luís Cláudio. *A força da palavra, a palavra da força*. Observatório da Imprensa, Ano 16 - n° 666 - 01/11/2011

([http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a\\_forca\\_da\\_palavra\\_a\\_palavra\\_da\\_forca](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_forca_da_palavra_a_palavra_da_forca))

[Palestra de encerramento do XIV Congresso Internacional de Humanidades realizado na Universidade de Brasília (19-21/10/2011), também publicado na revista Intercâmbio, da UnB

KUCINSKI, Bernardo. K., 1a. Edição, São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011. 184 páginas

KUCINSKI, B. Entrevista a Paulo Donizetti de Souza & Paulo Salvador. In: *Contos de B.Kucinski são metáfora de si mesmo e dos espinhos da nossa história*, São Paulo, 27/10/2011.

Disponível em <http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2011/10/contos-de-b.kucinski-sao-metaphora-de-si-mesmo-e-dos-espinhos-da-nossa-historia>

KUCINSKI, B, Entrevista a Adriana Couto e Manuel da Costa Pinto. *Bernardo Kucinski - Entrelinhas - Metrópolis 27/07/2012*, disponível em

<http://tvcultura.cmais.com.br/entrelinhas/bernardo-kucinski-entrelinhas-metropolis-27-07-2012>

KUCINSKI, B. "Alguma memória" (sobre cultura, política e família), in [http://kucinski.com.br/visualiza\\_noticia.php?id\\_noticia=390](http://kucinski.com.br/visualiza_noticia.php?id_noticia=390)

KUCINSKI. B. In teaser do filme de Silvio Tendler, *Utopia e Barbárie* <http://www.youtube.com/watch?v=es8M-Cxryq8&feature=related>.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

11

KUCINSKI, Meir. *Imigrantes, Mascates & Doutores*, (organização e seleção de Rifka Berezin & Hadassa Cytrynowicz.), São Paulo:Ateliê Editorial, 2002.

PINTO, Lúcio Flávio. *O K. do Brasil*. *Observatório da Imprensa*, edição 706, ,Em 07/08/2012 [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed706\\_o\\_k\\_do\\_brasil/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed706_o_k_do_brasil/) Reproduzido do *Jornal Pessoal* n° 518, 1ª quinzena/agosto 2012; intertítulo do OI Consultado em 20/10/2012.

FIGUEIREDO, Luciano, entrevista a A. Ribeiro & M. Amoroso, in revista *MOSAICO*, edição no. 3, ano II, 6 de julho de 2010 , CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=entrevista/entrevista-com-luciano-raposo-de-almeida-figueiredo>> . Último acesso em 29/09/2012

SOUZA, Fabiano Farias de. *Operação Condor: Terrorismo de Estado no Cone Sul das Américas* .*Aedos* - ISSN 1984- 5634 Num.8, vol. 3, Janeiro - Junho 2011. p159-176. <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/12769/11960>

TIBURCIO, Carlos. *Sem volta*. *Teoria e Debate* , edição 97, 06/02/2012, disponível em <http://www.teoriaedebate.org.br/edicoes/2433>

VOGT, C. Entrevista a Bruno Lara, *Sobre divulgação científica e o II Seminário Internacional Empírka*, em 12/10/2012, blog [Dissertação Sobre Divulgação Científica](http://dissertacaosobrede.blogspot.com.br/2012/10/entrevista-carlos-vogt-fala-sobre.html) , <http://dissertacaosobrede.blogspot.com.br/2012/10/entrevista-carlos-vogt-fala-sobre.html>